

# Uma análise da expressão da modalidade epistêmica em artigos de opinião

Vandemberg Simão Saraiva

Orientadora: Márcia Teixeira Nogueira  
Universidade Federal do Ceará

**ABSTRACT:** *This paper analyzes some manifestations of epistemic modality in “critical article”.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *modalidade; modalidade epistêmica; artigo de opinião.*

## 1. Considerações iniciais

A modalidade tem sido estudada em diferentes quadros teóricos e áreas de investigação. No presente artigo, adotamos uma abordagem funcionalista para realizar um breve estudo sobre a modalização.

A modalidade, segundo define Quirk *et al.* (1985), é o modo pelo qual o significado de uma frase é qualificado de forma a refletir o julgamento do falante sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição por ela expressa. A análise aqui relatada focaliza a manifestação da modalidade dita *epistêmica*, isto é, aquela que se circunscreve no eixo do conhecimento, em enunciados identificados em amostras textuais pertencentes ao gênero artigo de opinião. Essa análise integra o projeto de pesquisa “Processos de construção dos enunciados”, desenvolvido na UFC.

## 2. O tratamento funcionalista na investigação da modalidade

Entre as abordagens funcionalistas de tratamento da modalidade, destaca-se a que se baseia na proposta de constituição dos enunciados em camadas. Tais camadas podem ser entendidas como instâncias de modalização dos enunciados, que correspondem, segundo Dik (1989) e Hengeveld (1988, 1989), aos seguintes níveis:

Interpessoal 4º nível: Cláusula \_\_\_\_\_ “ato de fala”  
3º nível: Proposição \_\_\_\_\_ “fato possível”

Representacional 2º nível: Predicação \_\_\_\_\_ “estado-de-coisas”  
1º nível: Predicado \_\_\_\_\_ “propriedades /relações”

Os *predicados* constituem o primeiro nível de estruturação dos enunciados e consistem em itens do léxico que designam propriedades ou relações. Atribuindo-se uma estrutura de predicado (esquemas que especificam uma “planta” das estruturas nas quais o predicado pode aparecer) a um certo número de termos (expressões referenciadoras das entidades), obtém-se uma *predicação*. A predicação consiste em uma estrutura subjacente aos enunciados e designa um estado de coisas, ou seja, trata-se de uma codificação linguística da interpretação que o falante faz de alguma situação. Um estado de coisas pode ser localizado com relação ao tempo e ao espaço, à duração e identificado como percebido de algum modo. A predicação pode constituir uma estrutura de ordem mais alta e apresentar-se como um conteúdo proposicional, um fato possível, isto é, uma *proposição*. Enquanto a predicação pode ser vista, ouvida, enfim, percebida, a proposição pode ser conhecida, aceita, negada. Quando se atribui força ilocucionária

(ex. Declarativo, Interrogativo) à proposição, obtém-se a *frase*, o *enunciado*. Operadores, isto é, distinções gramaticalmente expressas, tais como modo, aspecto, tempo, e *satélites*, informações adicionais, não requeridas pelo predicado e que têm expressão lexical, tais como os adjuntos adverbiais, atuam em cada um desses níveis de estruturação dos enunciados.

No nível das relações internas à predicação, configura-se a modalidade dita *inerente*. Ela diz respeito às relações entre um participante e a realização do estado de coisas (EC) em que ele está envolvido e indica, em geral, capacitação, tal como em (1), e volição:

- (1) A abrangência e o significado desta pesquisa demonstra como a ciência *pode* contribuir para a ética da vida e para o uso racional das riquezas naturais que Deus colocou à nossa disposição. (O povo, 18/08/2001)

Configura-se, no nível da predicação, a modalidade dita *objetiva*. Nesse nível, temos a modalidade denominada *epistêmica objetiva*, que diz respeito à avaliação que o falante faz, com base no conhecimento de possíveis situações, do estatuto de realidade de um estado de coisas designado pela predicação. Segundo Neves (1996: 177), a modalidade objetiva epistêmica pode ser entendida em uma escala de *possibilidade* (certo > provável > possível > improvável > impossível > impossível). As ocorrências (2) e (3) exemplificam a modalidade epistêmica objetiva:

- (2) Daqui a 90 dias, *é certo* que o cenário também será bem diferente do de hoje. (Folha se São Paulo, 3/09/2001).
- (3) Como a eleição está a 13 meses no calendário, *é quase impossível* fazer uma previsão com mínima chance de acerto. (Folha se São Paulo, 3/09/2001).

Ainda no nível da predicação, evidencia-se a modalidade dita *deôntica*, em que o falante avalia o estatuto de realidade de um estado de coisas com base no conhecimento que ele tem dos valores de permissão, obrigação, ligados a um sistema de convenções morais, legais ou sociais. Neves (1996) aponta, para a modalidade deôntica, a seguinte escala de *permissividade*: obrigatório > aceitável > permissível > inaceitável > proibido. Em (4), ilustramos a modalidade deôntica:

- (4) Os pais não *deveriam* ser presos depois de uma palmada, a história mostra que não se *deve* tratar violência com violência. (Superinteressante, 02/2001)

No nível da proposição, isto é, dos *atos possíveis*, configura-se a modalidade chamada *epistêmica subjetiva* (ou *epistemológica*), em que o falante se manifesta em relação ao conteúdo da proposição, ou seja, marca seu compromisso pessoal com a verdade da proposição. Contrariamente ao que ocorre na modalização epistêmica objetiva, o falante deixa marcas de sua atitude, de seu comprometimento em relação ao que diz:

- (5) *A meu ver*, a proibição por lei de qualquer castigo físico eliminaria a violência familiar e ajudaria a formar pessoas melhores. (Superinteressante, 02/2001)

Ainda nesse nível, Hengeveld (1989) identifica a modalidade dita *evidencial* como um subtipo da modalização epistemológica. Por meio dela, o falante especifica a fonte do conhecimento da verdade que fundamenta uma proposição:

- (6) 84.600 TW são absorvidos pela superfície líquida (hidrosfera) e sólida (litosfera) e se transforma em calor. *Segundo o autor*, não fora esse calor a temperatura da terra seria 240°C negativos, portanto impossível à manutenção da vida. (O Povo, 18/08/2001)

A modalidade pode ser expressa por muitos meios lingüísticos. Além dos expedientes prosódicos e das próprias categorias gramaticais de tempo/modo/aspecto, podemos citar o emprego de: a) verbos auxiliares modais ou de significação plena que indiquem opinião, crença ou saber (ex.: predicados encaixadores como *Eu acho que*, *Eu creio que*); b) adjetivos em posição predicativa (ex.: predicados encaixadores como *É certo que*, *É evidente que*, *É possível que*); c) advérbios (ex.: *certamente*, *possivelmente*, *provavelmente*); d) substantivos (ex.: *certeza*, *opinião*).

A principal vantagem deste modelo de descrição da modalidade relacionado às camadas de constituição dos enunciados encontra-se na possibilidade de descrevê-los, simultaneamente, como *mensagem* (nível representacional ou, nos termos de Halliday (1985), ideacional) e como *evento de interação* (nível interpessoal), já que as camadas constituem diferentes escopos de modalização. Em *Eu acho que é provável que Mauro possa andar*, temos o verbo modal *poder* como expressão da modalidade inerente cujo escopo é a relação entre *Mauro* e a realização do EC *andar*; observamos, também, o emprego do adjetivo como modalizador epistêmico objetivo que toma como escopo a predicação designadora de um EC, e, finalmente, um predicado encaixador com o verbo *achar* que expressa o comprometimento do falante com o conteúdo da proposição, isto é, o conteúdo de um ato de fala.

### 3. O artigo de opinião

Machado (2000) caracteriza o gênero artigo de opinião como uma ação de linguagem que se efetiva pela produção de um texto essencialmente argumentativo, em que o autor emitirá sua opinião sobre uma questão controversa, atual, de ordem política, social, econômica ou cultural. A autora identifica duas restrições a que está submetido o produtor de textos pertencentes a esse gênero:

(...) os textos são, na sua maioria, heterogêneos, constituídos por segmentos de discurso misto, de

discurso teórico e, em menor número, por segmentos de discurso interativo, o que aponta para uma dupla restrição a que está submetido o produtor: de um lado, a necessidade de tratar de temas atuais e de envolver o destinatário e, de outro lado, a necessidade de convencer, expondo suas posições (suas premissas, sobretudo) como verdadeiras e atemporais.

Com relação aos modalizadores, a autora observa uma utilização marcante de modalizadores que indicam certeza, não só para reforçar os argumentos e os exemplos, mas também para enfatizar a conclusão central defendida pelo produtor de textos desse gênero.

## 4. Uma análise da expressão da modalidade epistêmica em artigos de opinião

Como um exercício de análise para estudo da modalidade, observamos como se manifesta a modalidade dita *epistêmica* em artigos de opinião. Para tanto, constituímos um *corpus* com dez amostras textuais pertencentes a esse gênero. Essas amostras foram obtidas de jornais e revistas de circulação nacional.

Como afirmamos, existem diferentes expedientes de manifestação da modalidade. Todavia, para efeito de análise, identificamos apenas os enunciados em que a modalização se dá pelo emprego de meios lexicais, tais como o uso de verbos, adjetivos, advérbios e algumas expressões. Em seguida, analisamos as ocorrências, identificadas em cada amostra textual, segundo dois critérios: o nível em que ocorre a modalização epistêmica (predicação/epistêmica objetiva ou proposição/epistêmica subjetiva) e a escala de certeza/não-certeza) com que o autor avalia o estatuto de realidade de um estado de coisas ou se compromete com a verdade de uma proposição.

### 4.1. Resultados, análise e discussão.

Os resultados relativos ao emprego da modalidade epistêmica objetiva ou subjetiva encontra-se no quadro 2:

Quadro 2: Escopo da modalidade epistêmica em artigo de opinião

Epistêmica objetiva (predicação)	Epistêmica subjetiva (proposição)
19	14

Os dados do quadro 2 revelam que, nos artigos de opinião que analisamos, a modalidade objetiva, manifestada por meios lexicais, é um pouco mais utilizada. Esse tipo de modalidade, que tem como escopo a predicação, produz, como efeito de sentido, a aparente isenção em relação ao conteúdo do estado de coisas. A ausência de marcas que vinculem o que é dito no enunciado com o enunciador constitui, segundo Neves (1996: 181), um poderoso recurso para sugerir distanciamento. Com isso, o autor adquire foros de isenção e empresta mais autoridade a suas declarações.

Analisando a expressão da modalidade epistêmica quanto à escala de certeza/não-certeza, observamos que, nos textos examinados, os enunciados são mais modalizados no terreno da *certeza*. Esse resultado não surpreende e confirma a descrição que Machado (2000) faz do uso dos modalizadores nesse gênero discursivo. Como são textos essencialmente opinativos, a modalização é utilizada pelos enunciadorees como importante recurso para a sustentação de um ponto de vista.

Na análise, podemos identificar que a modalização ocorre no terreno da certeza tanto na modalidade objetiva, como mostra

o quadro 3, como na modalidade subjetiva. Parece-nos, portanto, que esse resultado se deve à própria organização seqüencial, predominantemente argumentativa, desse gênero.

Quadro 3: Expressão da modalidade epistêmica objetiva em artigo de opinião

É interessante notar que, no que diz respeito à modalidade epistêmica objetiva, ainda identificamos modalizações nos terrenos do Improvável e do Impossível, mas o mesmo não ocorre com a modalidade subjetiva, em que o autor se coloca, de forma mais assertiva, na defesa de uma opinião. O enunciado em (7) ilustra a expressão da modalidade objetiva, em que um estado de coisas é apresentado como certo; e a ocorrência (8) ilustra a manifestação da modalidade epistêmica subjetiva, em que o enunciado é marcado por uma atitude de comprometimento do autor com a verdade do que ele diz:

(7) Não resta a menor dúvida, portanto, de que os cassinos serão legalizados. Esses senhores já demonstraram que sabem trabalhar direito. Quando querem algo, superam qualquer obstáculo. (Veja, 10/2001)

(8) Como biogenista, *sei* que a saúde não é consequência da administração de medicamentos e vacinas. A biogenia vê a saúde como fruto de hábitos saudáveis e da obediência às leis naturais uma fórmula baseada em água pura, ar puro, alimentos puros. (Superinteressante, 10/2001)

Notamos, em (7), que o falante, a partir do conhecimento que tem de situações já concebidas em seu modelo mental, avalia como certa a legalização dos cassinos. Percebemos, em (8), mas não em (7), que o autor se qualifica para emitir uma opinião e, em seguida, a enuncia, utilizando um verbo de natureza essencialmente epistêmica (*saber*) em primeira pessoa.

## 5. Considerações finais

Este breve estudo que aqui apresentamos consistiu apenas em uma introdução ao estudo da modalização, em geral, e em um exercício de análise do uso dos modalizadores epistêmicos em um gênero específico. A análise da expressão da modalidade epistêmica no gênero artigo de opinião revelou que a modalização de natureza objetiva é mais utilizada, o que empresta aos enunciados o caráter de verdades atemporais. Também verificamos o uso freqüente da modalização no terreno da certeza, característica que atribuímos à seqüência argumentativa predominante nesse gênero textual.

## Referências bibliográficas

- DIK, C. S. *The Theory of Funcional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI -USA: Foris Publications, 1989.
- HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of spanish. *In: Journal of Semantics*, v. 6, 1988, pp. 227-269.
- \_\_\_\_\_. Layers and Operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistic*, 25: 1989, pp. 127-157.
- MACHADO, Anna R. Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. *In: DELTA*, vol.16, n.1, São Paulo, 2000.
- NEVES, Maria Helena de M. A modalidade. *In: KOCH, I.G.V. (org.). Gramática do português falado*. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP - FAPESP, 1996, pp. 163-199.
- QUIRK, R. *et al. A comprehensive grammar of the english language*. London/New York, Longman, 1985, pp 1300-1321.